

A estrutura do trabalho é a seguinte: Informação, O Pretexto, Texto Interpretativo (Fonologia, Lexiologia, Sintaxe, Estilística). Convergências, Obras Consultadas. Devo dizer que, na verdade, consta o livro de duas partes: a primeira é a que ficou acima indicada, de acordo com o Sumário; a segunda vem a ser a *Gramatiquinha*, a que deu forma e vida a estudiosa.

Em 1916, vinha a lume, em Paris, um livro que iria abrir novos e promissores caminhos aos estudos de ciência da linguagem: o *Cours de Linguistique Générale*. O seu famoso autor, Ferdinand de Saussure, nunca o escreveu. Esse trabalho de reconstrução e síntese coube a dois jovens lingüistas, Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de A. Riedlinger, os quais, valendo-se de notas de aula de alguns dos mais distintos alunos do mestre ginebrino, puderam finalmente recompor um livro que inauguraria nova face nos estudos lingüísticos do Ocidente.

Entre nós, *si parva licet*, temos também finalmente em mãos, ainda que incompleta, a *Gramatiquinha da Fala Brasileira*, sempre tão aguardada mas nunca publicada, do incansável Mário de Andrade. O milagre nos veio da competência e amor ao estudo da professora titular da Universidade de São Paulo, Dr.<sup>a</sup> Edith Pimentel Pinto. Fica assim a Filologia brasileira enriquecida de um livro maior, que estará presente em todas as estantes dos que se empenham em conhecer os pontos cruciais da ininterrupta caminhada da língua portuguesa no Brasil.

*O Estado de São Paulo*  
9/3/91

\*

### **Um mestre de luso-brasilidade**

As relações culturais Portugal-Brasil, graças a Deus, nunca esmoreceram por falta de combatentes. E que ilustres lutadores! A galeria dos exemplos, não poderia deixar de encabeçá-la o nome do magistral Afrânio Peixoto (cuja contribuição à cultura brasileira em geral e luso-brasileira em particular ainda não foi devidamente avaliada), a quem se deve a criação, na Universidade de Lisboa, da cadeira de Estudos Camonianos. Em sua homenagem, funciona no Rio de Janeiro, no Liceu Literário Português, o Instituto de Estudos Portugueses Afrânio Peixoto. Na presidência do Instituto sucedeu-lhe o dr. Pedro Calmon, estrênuo lutador da constante aproximação cultural entre os dois países, nome que, desventuradamente, está sendo injustamente esquecido. O grande renovador dos estudos sociológicos no Brasil, Gilberto Freyre, em suas acuradas e originais pesquisas, sempre ressaltou, com entusiasmo, a imensa dívida cultural que o jovem Brasil tem para com o velho Portugal. Nem olvidemos a figura

maior do linguísta e filólogo Serafim da Silva Neto, professor convidado na Universidade de Lisboa, que lhe conferiu o título de *Doutor Honoris Causa*, autor da mais completa e substanciosa *História da Língua Portuguesa* até agora editada.

É nessa tradição cultural que se vem inserir o nome do prestigiado mestre universitário, Leodegário A. de Azevedo Filho, à beira de completar a idade cronológica que no Brasil confere a quem a atinge o *status* de *maturidade plena*. É tempo, portanto, de se lançar um olhar retrospectivo sobre o seu labor e o seu contributo à cultura lusíada.

Nessa visada, uma linha se destaca nítida: a da sua invencível predileção pelos estudos da língua e da literatura portuguesas. Começou com um trabalho sobre *Alguns problemas do idioma*, em que já procurava defender o idioma dos assaltos inconseqüentes dos que pretendiam “popularizá-lo” em nome de uma pseudodemocratização. Logo a seguir veio a *Didática especial da língua portuguesa*, onde já se revela o professor preocupado com as questões respeitantes à metodologia da sua docência. Foram tais solicitações que o levaram a um estágio no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, em Sèvres, na França.

Aliás é interessante observar que Leodegário percorreu como professor todos os graus de escolaridade. Foi inicialmente professor de ensino supletivo, ou seja, de educação de adultos, primeiro grau, lugar que obteve por concurso. Fez-se, também mediante concurso, catedrático de curso normal, disciplina Português/Literatura, no Instituto de Educação do Rio de Janeiro, o mais categorizado estabelecimento de formação de professores do primeiro grau; ingressava assim no segundo grau.

#### *Vocação de professor*

Mas a sua real vocação era o espaço universitário, a que se alçou após brilhante concurso prestado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Estado de Guanabara, hoje do Estado do Rio de Janeiro (onde se aposentou recentemente). Foi, durante largo tempo, professor nos cursos de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, disciplina Literatura Portuguesa. Atualmente, como titular, tem a seu cargo a cadeira de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Da sua proficiência e amor à causa do ensino fica de testemunho o honroso título de “professor emérito” que lhe foi concedido, em sessão solene, pela congregação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É mestre Leodegário bacharel em Direito e bacharel em Letras Neolatinas. Os seus pendores intelectuais o trouxeram, porém, para este último campo, que tão bem vem arando.

Do seu privilegiado currículo só se podem fazer sínteses irremediavelmente mutiladas. Lembremos que foi vice-presidente do IBEC, instituição ligada à Unesco. Dirigiu o Instituto Estadual do Livro, que, durante a sua gestão, editou mais de quinze volumes. Pertenceu ao Conselho Estadual de Cultura (atualmente desativado) e chefiou, no Prodelivro, organismo do Ministério da Educação e Cultura, o Núcleo de Desenvolvimento e Proteção do Livro. É presentemente presidente da Academia Brasileira de Filologia e da Sociedade Brasileira de Língua e Literatura.

Convém sublinhar que, na direção da SBLL, já realizou, sem interrupção, vinte e quatro congressos, onde a língua e a literatura portuguesas têm ocupado lugar de honra, haja vista ter contato em suas sessões com o concurso de eminentes personalidades da vida cultural lusitana, especialmente convidadas. O seu nome também se projetou para fora do país: foi professor-visitante nas universidades de Colônia, Alemanha, e na de Coimbra, em seu querido Portugal. Detalhe a rever: tem um filho coimbrão.

Não queremos que estas linhas se transformem simplesmente nos sucessivos marcos de uma carreira dedicada devotadamente ao ensino, à pesquisa, a fecundas realizações culturais. Mais que tudo importa, como o título deste artigo evidencia, pôr em relevo o seu denodado e constante amor à cultura portuguesa. Falei em amor e talvez melhor fôra dizer *paixão*. Pois Leodegário dá-se inteiramente naquilo que faz, com incrível tenacidade, quase diria feroz obstinação. Por isso o homem e a obra quase se fundem.

No que diz respeito à cultura portuguesa, ele a vem estudando desde o período arcaico (*As cantigas de Pero Meogo*), renascentista (*A Lírica de Camões*), momentos renovadores (*História e emergência do novo*), o que lhe permitiu uma apreciação panorâmica de tão rica literatura (*Uma visão brasileira da literatura portuguesa*).

#### *A edição da Lírica de Camões*

Destaque especial, porém, há de merecer a edição da *Lírica de Camões*, projetada para sete volumes (vai excedê-los), que está a ser publicada pela Imprensa Nacional / Casa da Moeda, de Lisboa. O primeiro volume (história, metodologia, corpus) é de 1985; o segundo, tomo I (sonetos) é de 1987; o terceiro, tomo II (sonetos) é de 1989.

A excepcional relevância deste trabalho está em que Leodegário resolveu aceitar o desafio do maior problema da crítica textual portuguesa, ou seja, a fixação (relativa) do texto lírico de Camões.

Como se sabe, toda a impressão da poesia lírica do poeta é, pode-se afirmar, póstuma; a 1ª edição é de 1595, morto já o poeta há quinze anos. Não

se conhecem manuscritos autógrafos, portanto como constituir o *corpus* lírico e como definir-lhe o texto confiável? Autenticidade e fidedignidade, eis as duas esfinges a pôr em xeque a acribia e paciência dos investigadores. Leodegário não ignorava os percalços da jornada. Procurou enfronhar-se no acervo da tradição impressa e recolher manuscritos quinhentistas onde quer que os encontrasse. Está fazendo um trabalho sério, penoso, de qualquer forma gratificante. Não há, porém, edição crítica imune a reparos, pois os critérios não são unânimes: arquétipo reconstituído, *codex optimus*, sucessividade genética, movência, legitimidade das variações... Por conseguinte críticas sempre as haverá, e caberá ao autor ir absorvendo-as à sua metodologia operativa.

Estamos, no ocaso deste nosso século, vivendo um momento de alta perplexidade, como se fôssemos incapazes de prever para prover, para falar como Augusto Comte. Uma coisa, contudo, tenho por certa: a constituição de grandes blocos étnico-culturais: a Comunidade dos Estados Europeus, a Comunidade dos Estados Independentes (ex-URSS), a restauração do mundo islâmico, etc. Urge, pois, o fortalecimento dos laços ibéricos e, particularmente, o da lusofonia. Só assim poderemos não somente sobreviver, mas realmente compor-nos em próximo futuro (já em parte desenhado), em pé de igualdade, com os outros blocos que se estão formando. Por tal motivo são beneméritos (e assim serão confirmados pelas gerações futuras) todos os que puseram em ação suas energias para fortalecer os laços culturais (e, dentre esses, primacialmente a língua e a literatura) dos povos historicamente lusófonos. Como é o caso brasileiro. Situando-se nessa perspectiva, a obra do prof. Leodegário A. de Azevedo Filho adquire novo e intenso brilho. É o nosso aniversariante personagem ilustre deste mundo que o português criou. Daí a alegria dos amigos, por vê-lo chegar a mais uma etapa de sua frutuosa existência e o regozijo de quantos reconhecem o mérito de sua contribuição para maior glória da cultura luso-brasileira.

(J.L., 28/01/1992)

\*